

Devastação da Amazônia cresce 27%

Inpe mostra que até agosto de 1998 foram desmatados 532 mil quilômetros quadrados. Vilões seriam os projetos de colonização

Campinas — O ritmo do desmatamento na Amazônia voltou a aumentar entre 1997 e 1998, de acordo com os dados divulgados ontem pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), em São José dos Campos, São Paulo. O total da área desmatada em 1997 foi de 13,2 mil quilômetros quadrados e as projeções de 1998 indicam um total de 16,8 mil quilômetros quadrados, um aumento de 27%.

O total de desmatamentos na região até agosto de 1997 é de 532.086 quilômetros quadrados. A se confirmar a projeção de 1998, a perda é equivalente a um estado da Bahia

inteiro. A Amazônia já perdeu cerca de 15% de suas florestas naturais.

As características do desmatamento mudaram quanto ao tamanho das áreas contínuas derrubadas. Em 1995 e 1996, quando foram desmatados, respectivamente, 29.059 e 18.161 quilômetros quadrados, os desmatamentos mais representativos aconteceram em pequenas áreas (inferiores a 50 hectares). Os projetos de colonização e os assentamentos de reforma agrária foram os grandes vilões da destruição. Em 1997 e 1998 cresceram as médias e grandes derrubadas, sobretudo de áreas contínuas com 200 a 500 hectares e acima de 1000 hectares.

A disponibilidade de dinheiro para investimento em novas áreas agropecuárias e as atividades madeireiras podem explicar parte deste aumento nas derrubadas médias e grandes. Os tipos de vegetação mais prejudicados nos desmatamentos de áreas médias e grandes foram a floresta densa, a floresta estacional e o cerrado. Todos são tipos de vegetação onde predomina a atividade madeireira, como frente de abertura de novas áreas agropecuárias e principal fator de avanço sobre a floresta.

Apesar da relativa redução em importância, os desmatamentos de pequenas áreas (inferiores a 50 hectares) preocupa, por ter ocorrido sobretudo nas zonas de contato e na floresta aberta. As zonas de contato caracterizam-se pela alta biodiversidade e a presença, ainda que pulverizada, de novas frentes de colonização pode ter impactos sérios

sobre a fauna. Os pequenos produtores, se não capitalizados, em geral dependem da caça para garantir sua sobrevivência em áreas de fronteira econômica.

RORAIMA

Sobre o incêndio em Roraima, pesquisadores do Instituto de Pesquisa da Amazônia (Inpa), com sede em Manaus, revelam que a área de floresta tropical primária queimada no ano passado foi superior a 11,7 mil quilômetros quadrados. O Inpa fez um detalhado levantamento do volume de biomassa morta pelo fogo em toda cobertura vegetal de Roraima, forma-

da por floresta, savana e campina. Foram destruídos de 1,5 a 20 toneladas de biomassa por hectare. As regiões avaliadas têm de 170 a 300 toneladas de biomassa por hectare e o estudo inclui de vegetação rasteira até árvores de grande porte.

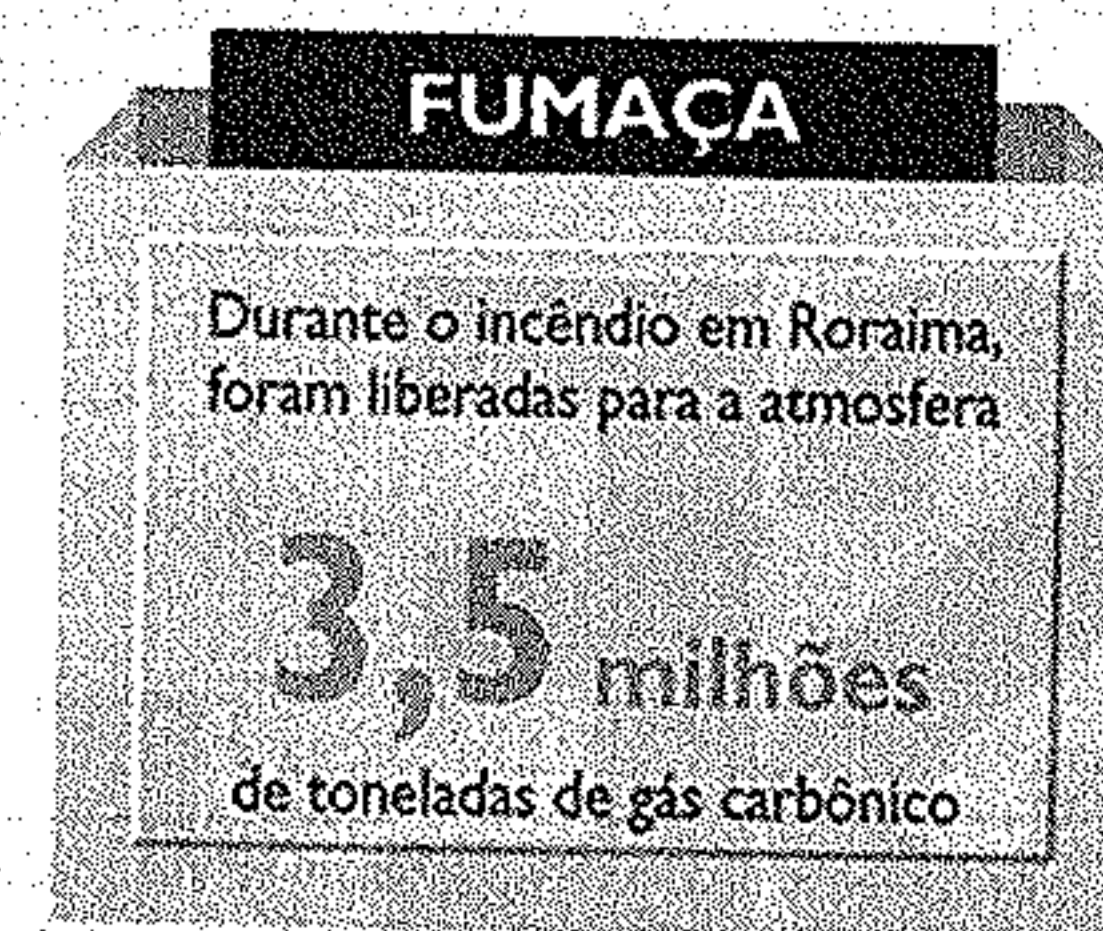
O pesquisador do Inpa e responsável pelos estudos da emissão de gases, Reinaldo Imbrozio Barbosa, revela que no momento da queimada foram liberados para a atmosfera 3,5 milhões

de toneladas de gás carbônico, ficando estocados no solo entre 7 e 10 milhões de toneladas em processo de decomposição. Caso todo esse material fosse injetado na

atmosfera no mesmo período, o incêndio de Roraima corresponderia a 5% do total das emissões de carbono feitas anualmente pelo Brasil.

Já o secretário-executivo da organização não-governamental Instituto Sócio-Ambiental, João Paulo Capobianco, criticou o governo federal por não ter uma política para conter o desmatamento na Amazônia. Capobianco destacou que a taxa de desmatamento estimada pelo Inpa para 1998 (já que o relatório ainda não ficou pronto) será 27% superior à do ano anterior.

O ambientalista acredita que o anúncio de desmatamento terá repercussão negativa em todo o mundo. Capobianco afirma que o governo federal terá de esclarecer essa situação ao G-7, grupo dos sete países mais ricos que investiu US\$ 250 milhões em projetos de preservação da floresta amazônica.



Class. 1102199 Pg 21